

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: a caracterização da identidade linguística cultural nordestina nos poemas ‘O Nó da Sabedoria’ e ‘Uma Paixão Pra Santinha’, de Jessier Quirino

Vanessa Viana Lima

Graduada em Letras, com Habilitação em Português e Respectivas Literaturas
Faculdade Sete de Setembro – FASETE
vanessalima0376@gmail.com

Wellington Neves Vieira

Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em Alagoínhas – BA. Especialista em Língua Inglesa pela Faculdade Integrada de Jacarepaguá-FIJ, professor da Faculdade Sete de Setembro – FASETE em Paulo Afonso-BA. Atua como professor na secretaria de educação do estado de Alagoas em Santana do Ipanema –AL.
wellington.nevieira@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho trata dos processos de variação linguística sobre a perspectiva da identidade linguístico cultural nordestinana poesia do poeta paraibano Grande Jessier Quirino, cujo objetivo foi investigar as formas variantes do léxico nos poemas “O Nó da Sabedoria” e “Uma Paixão Pra Santinha”. A metodologia baseia-se numa pesquisa exploratória e descritiva por meio de revisão da literatura sobre teóricos como Antunes (2003) Bagno (2003), Faraco (2001), Marcushi (2001), Warnier (2000), entre outros. A fim de demonstrar os processos de manifestações da Linguagem, Língua e Fala da identidade linguística cultural nordestina, investigam-se possíveis tipos de variação linguística com base em dois poemas de Jessier Quirino, apresentando ainda o estilo do autor. Entre os resultados, verifica-se que a Língua Portuguesa falada em diversos lugares, com as variantes linguísticas, pode ser compreendida juntamente com a contextualização das influências históricas e regionais, segundo as alterações dos falantes, e assim ser aceita como parte da Língua do Brasil, enriquecendo os aspectos culturais especialmente no meio educacional.

Palavras-chave: Variação linguística. Identidade cultural nordestina. Jessier Quirino. Poesia popular.

ABSTRACT

This work is about the processes of linguistic variations on the perspective of northeastern linguistic and cultural identity in the poetry of Jessier Quirino. Its objective was to investigate the variant forms of the lexicon in the poems “O Nó da Sabedoria” and “Uma Paixão Pra Santinha”. The methodology is based on an exploratory and descriptive research, made through a literary revision about theorists like Antunes (2003), Bagno (2003), Faraco (2001), Marcushi (2001),

Warnier (2000), among others. In order to demonstrate the processes of manifestation of speech and language in the northeastern cultural linguistic identity, we investigate possible kinds of linguistic variation, basing on two poems by Jessier Quirino, also presenting the author's style. Among the results it is verified that the Portuguese language spoken in many places, with the linguistic variations, can be comprehended along with the contextualization in historical and regional influences and thus be accepted as part of the Brazilian language, enriching the cultural aspects especially in the education area.

Keywords: linguistic variation; Northeastern cultural identity; Jessier Quirino; popular poetry.

INTRODUÇÃO

O preconceito linguístico ocorre em muitas situações; o principal exemplo, é quando se acredita que a língua culta é o único modo para falar e escrever de forma exemplar. Todavia é um equívoco tal pensamento, já que basta observar as muitas variedades existentes na fala do povo brasileiro, e de como é importante essa dinamicidade que se difere principalmente por se tratar de algo pessoal a cada ser, ou seja, a variação linguística faz parte da identidade linguística de cada indivíduo.

Deste modo, o estudo da Língua Portuguesa juntamente com os fenômenos linguísticos, implicará aos discentes um amplo desenvolvimento educativo, que foge às grades existentes no estudo tradicional da Língua Portuguesa, que são baseados em frases sem contextualização. Através de textos os estudos da Língua Portuguesa expandirá as informações; gêneros textuais, riqueza cultural, tipos de linguagens, entre outros tipos de conhecimentos.

Assim, o escritor paraibano Jessier Quirino transmite ao leitor a possibilidade de reconhecer alguns tipos de variações linguística no léxico dos seus poemas, bem como a possibilidade de transmitir através da Literatura a utilização do método de transcrição da fala para escrita; e a representação linguística e cultural do povo nordestino. Para que, nesse sentido, possa ter uma minimização do preconceito diante dos possíveis fenômenos linguísticos, como por exemplo, a ilusão de que a Língua Portuguesa é única, sendo que as variações linguísticas dos falantes sempre existiram e sempre existirão independentemente de qualquer padrão linguístico.

Para tanto, buscamos embasamento em estudiosos como Marcos Bagno, Luiz Antônio Marcusch, Irlandé Antunes, Luiz Carlos Travaglia, Jean-Pierre Warnier, entre outros. Logo, chegou-se à conclusão que a Língua falada no Brasil varia e que as variações linguística na Língua Portuguesa, podem ser compreendidas naturalmente, pelo meio da contextualização, pois o que basta para uma boa comunicação é a transmissão do pensamento de forma completa.

1 A LÍNGUA E SUAS VARIAÇÕES

A comunicação está relacionada com a vivência de todos os seres, para que possam interagir e viver em sociedade. Portanto, existem alguns instrumentos para uma efetiva comunicação, como Linguagem, Língua e Fala, estes são a tríade da comunicação, logo há um conceito para cada um. Sendo elas formas distintas de comunicação.

Linguagem é o meio que os seres vivos utilizam para se comunicar. As formas de linguagem podem ser diversas, segundo o *Minidicionário da Língua Portuguesa*, “Linguagem, s. f. Utilização de elementos de uma língua como meio de comunicação entre o homem, de acordo com as preferências de cada um, sem preocupação estética; qualquer meio de exprimir o que se sente ou pensa; estilo.” (2007, p.473).

Linguagem é qualquer meio utilizado para se comunicar, pode ser através de gestos, fumaça, desenho entre outros exemplos. A língua por exemplo é um subconjunto da linguagem. Segundo Martelotta, “O termo ‘Língua’ é normalmente definido como um sistema de signos vocais utilizados como meio de comunicação entre membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística.” (grifo do autor, 2008, p. 16).

Observa-se que Língua é um conjunto de palavras, que servem como meio de interação entre os seres humanos de uma determinada região. Dentro da perspectiva de Martelotta, percebe-se que a Língua é um fenômeno de interação social e pode ser utilização através da escrita ou através da fala. Segundo Marcuchi, “A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê.” (p. 2001, p. 18)

A fala é construída através dos primeiros contatos com indivíduos falantes, e assim é adquirido a Língua materna, as possíveis variações linguísticas e a maneira de pronunciá-las, formando

assim a identidade linguística desse indivíduo. A Linguagem, a Língua e a Fala é o meio mais comum de comunicação entre os seres humanos; seres que interagem entre si, desenvolvendo novos estilos de comunicação, novas expressões, novos dialetos, sotaques, entre outros aspectos que movimentam a Língua, ocasionando a Variação Linguística.

Segundo Bagno, “Uma variação linguística é um dos muitos ‘modos de falar’ uma língua” (2007, p. 47). Ou seja, a língua é uma só, porém existem várias maneiras de pronunciá-la. A Variação Linguística está presente em uma determinada Língua, por meio da evolução dela, podendo se dar através do tempo, na diferença da oralidade para escrita, nas formas de expressões de determinados grupos e classes sociais, nas variações regionais, entre outras formas.

A Língua falada não é algo que se tenha controle, que possa ser única, sem mudanças, sem evolução, sem diversidades, a Língua se renova, e a beleza está em ver e reconhecer formas modificadas nela. Segundo Bagno “[...] Enquanto a *língua* é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a *gramática normativa* é apenas um *igapó*.” (grifo do autor, 2013, p. 20). Ou seja, a Língua falada não é um instrumento estático, ela se modifica a todo o momento de interação, em quanto à gramática é estagnada.

Igualmente pode-se dizer que as palavras “igapó” serve para definir a gramática normativa e o “rio caudaloso” para definir a Língua, tais definições são pertinentes e práticas para se fazer entender, então, se a gramática normativa é como um “igapó”, e a Língua é um rio “caudaloso”, logo, a Língua pode ser estudada pelo ponto de vista da gramática descritiva. Vejamos os conceitos de Travaglia (2005, p.30-32) sobre a gramática normativa e descritiva:

A **gramática normativa**, que é aquela estuda apenas os fatos da norma padrão, da norma culta de uma Língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita. [...] A gramática descritiva, é a que descreve e registra para uma determinada variedade da língua [...]. Portanto a **gramática descritiva** trabalha com qualquer variedade da língua e não apenas com variedade culta e dá preferência para forma oral dessa variedade. (grifos do autor).

Se a gramática normativa estuda a língua padrão, e a gramática descritiva, estuda todos os possíveis fenômenos de variedade linguística, aparentemente seria adequado estudar as duas gramáticas ou somente a gramática descritiva, já que ela estuda todas as manifestações linguística democraticamente.

Porém não é bem assim, o tradicionalismo prevalece, como se ver na definição da gramática normativa, diz-se que a norma culta é oficial, daí já se nota, um certo preconceito, tratar as variedades linguística como não oficial, sendo que uma se sobressai à Língua escrita e a outra à Língua falada, ambas são igualmente respeitáveis.

Estudar as variações linguísticas é tão importante como estudar as regras gramaticais. Assim evitará dúvidas e até mesmo o preconceitos linguísticos em determinadas situações, como por exemplo as variações linguísticas que difere a fala de indivíduo de região para região.

Segundo Faraco, “A variação mais óbvia para todos nós parece ser aquela que está ligada a cada região em que a língua é falada (a língua varia de região para região).” (2003, p. 160). A variação regional é mais comum, pois, é notada ao se deslocar de uma região para outra. Por exemplo, ao sair da Bahia à Pernambuco, certamente encontrará uma forma diferente nas palavras, sendo no som ou nas mudanças semântica.

A variação regional é também conhecida como variação diatópica, segundo Bagno, “**Variação diatópica** é aquela que se verifica na comparação entre modos de fala de lugares diferentes.” (grifo do autor, 2007, p. 46). Se comparar as formas de uma região para outra ver-se claramente que a Língua Portuguesa é variável, porém essa questão de diferentes formas de falar de cada região também pode ser notada de maneira ampla, observando pelo olhar da representação linguístico cultural de cada indivíduo.

Segundo Warnier:

A cultura diz respeito a uma grande diversidade de aspectos: A cultura é uma totalidade complexa feita de normas, de hábitos, repertórios de ação e de representação, adquirida pelo homem enquanto membro da sociedade. Toda cultura é singular, geograficamente ou socialmente localizada, objeto de expressão discursiva em uma língua dada, fator de identificação dos grupos e dos indivíduos e de diferenciação diante dos outros, bem como fator de orientação dos atores, uns em relação aos outros e em relação ao seu meio. Toda cultura é transmitida por tradições reformuladas em função do contexto histórico. (2000, p. 21)

Cultura é o que é adquirido ao nascer através do convívio familiar, abraçado ao meio social em que está inserido, a maneira de ver e interpretar o mundo, bem como suas opiniões diante de questões existenciais, entre outras definições, que é individual para cada ser humano ou para determinado grupo de pessoas ou de localidades.

As variações linguísticas estão interligadas a identidade cultural por ser uma manifestação linguística singular de cada um ou de cada localidade, o que será visto através da poética do Paraibano Jessier Quirino que embora seja escritor, não fez faculdade de Letras, e sim de Arquitetura, para alguns críticos Jessier Quirino é um “domador de palavras”.

Os poemas de Jessier Quirino se destacam por retratar a cultura e causos do Nordeste de forma hilare; trazendo o nordestino roceiro com sua identidade cultural, para dentro dos poemas. O português brasileiro possui uma diversidade de pronúncias que o enriquece ainda mais. Entretanto, o Brasil, como outros países, sofre com preconceitos, sendo esses preconceitos gerados por tudo que difere um ser do outro. Não seria diferente com a diversidade do Português brasileiro.

A Língua Portuguesa falada pelo povo é uma; a Língua Portuguesa idealizada é outra. O convívio em sociedade, a cultura e a identidade cultural de cada indivíduo difere as formas de falar a Língua Portuguesa. Tais diversidades, também são merecedoras de reconhecimento, por fazer parte de uma riqueza cultural brasileira. Escritores como Jessier Quirino que demonstram através de suas obras a linguagem das classes menosprezadas é que faz com que se valorize o que está arraigado linguisticamente no povo. Como se ver no poema “O Nó da Sabedoria”

Pra mode falar bonito
Meu juízo se encriquia
Não é urêia é orelha
Não é rudia é rodilha
Até Latra de Arelha
Que`u caprichei outro dia
Não é arelha é areia
Já abelha eu digo abeia
Vasilha eu digo vazia
Jurando tá tudo certo...
Tudo errado e eu não sabia
O certo é dizer vermelha
Não é viria é virilha
Não é parêia é parelha
Não é nuvia é novilha
De tanto escutar Mai Love
Maicon Jequison, calça Li
Eu jurava que baiguía
Era o inglês de ri-ri !!!
Eu vou parar por aqui
Adeus até outro dia
Que`u tou ficando enrolado
No nó da sabedoria
Eu tou agora assuntando

Se sabo eu tou me casando
Se com Marilha ou Maria. (QUIRINO, 2001, p. 71)

O título do poema acima, já diz muito, pois a sabedoria relacionada a gramática normativa é um nó que confunde muitos falantes da língua materna. O que o eu lírico quer reivindicar é que tudo que ele falava e que compreendia bem, era visto gramaticalmente como “errado” que até mesmo as palavras que ele mais procurava caprichar na pronúncia, na verdade, gramaticalmente, dava-se outro nome, como ver-se:

“Até Latra de Arelha Que`u caprichei outro dia Não é arelha é areia” (QUIRINO, 2001, p. 71), ou seja, o que ele assimilou linguisticamente de forma própria, adquirido de maneira natural, provavelmente no decorrer da sua vida, ouvindo seus familiares, assim como no meio social em que estava inserido, não poderia ser considerada um meio de comunicação correto, por possuir desvios linguísticos em relação as regras gramaticais.

Além de ser uma crítica à desvalorização da língua como identidade pessoal ver-se no poema uma dura análise ao uso demasiado dos empréstimos linguísticos como se nota: “De tanto escutar Mai Love Maicon Jequison, calça Li Eu jurava que baiguía Era o inglês de ri-ri !!!” (QUIRINO, 2001, p. 71).

Como pode-se compreender nas apreciações do eu lírico, existe uma insatisfação por ouvir tantas línguas estrangeiras, provavelmente o eu lírico quer dizer que já se encontra confuso em relação ao seu português quanto língua materna, e ainda se depara com outras línguas, como um dos exemplos citados “**calça li**” querendo dizer **calça jeans**, são empréstimos linguísticos que o eu lírico não consegue pronunciar de acordo com as regras da língua utilizada, segundo Faraco “É imprevisível dizer, por exemplo, em que circunstâncias os falantes adotarão palavras de outras línguas e quais palavras exatamente.” (2001, p. 133).

Tais palavras, de origem estrangeira, foi adota de forma imperceptível e muitas continuam sutil, pois também se encontram nos dicionários da Língua Portuguesa brasileira, e por conta disso são chamados de empréstimos linguístico, segundo o dicionário *Priberam*, “*Jeans*¹ |djínes| (palavra inglesa) [...] Calças de tecido forte e resistente de algodão, originalmente azul, geralmente

¹ “jeans”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], (2008-2013). Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/jeans..> Acesso em: 05/2016

com pespontos visíveis.” Como se ver o termo jeans se encontra no dicionário da Língua Portuguesa, mas que foi claramente explicado, tem origem inglesa, podendo ser considerado como empréstimo linguísticos.

O eu lírico, aparentemente com apenas o conhecimento básico do Português, adquirido de forma natural, até mesmo de forma dedutiva, não conseguiria realmente distinguir uma língua da outra; ou até mesmo o que para muitos é considerado certo ou errado, apenas faz uso da língua como forma de comunicação. Situações mostra o mundo está sujeito a desvalorização das riquezas culturais, de como os indivíduos estão sendo influenciados a abandonar a sua verdadeira identidade.

Segundo Bauman, “As ‘identidade’ flutuam no ar, algumas da nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.” (grifo do autor, 2005, p. 19)

É necessário ser firmes diante do que o futuro impõe, apesar de não ser fácil, lutar contra a modernidade, principalmente o capitalismo exacerbado, que corrompe a personalidade dos indivíduos, fazendo-os abandonar seu verdadeiro “eu”, abandonar o que está arraigado, escondendo-se atrás das máscaras construídas pelo líquido mundo moderno.

Para fechar a confusão explicitada pelo eu lírico em relação ao conhecimento do léxico, com fundamento gramatical, ele já não sabe se vai se casar com “Marilha ou Maria”, pertinente tal dúvida, já que o eu lírico se refere o poema inteiro ao uso do “lh” em algumas palavras, com seus conhecimentos prévios e dedutivos o “lh” nunca existiram nas palavras a que ele se referiu, observa-se: “Pra mode falar bonito Meu juízo se encriquia Não é urêia é orelha Não é rudia é rodilha [...]” (2001, p. 71).

Todas essas palavras, entre outras citadas no decorrer do poema, são escritas e por muitos pronunciadas com o uso dos dígrafos “lh”, obviamente é coerente para o eu lírico a dúvida se o nome da pessoa com quem vai se casar é “Maria” ou “Marilha”, já demonstrando a confusão deixada pelas regras gramaticais, quando se tenta modificar o que está linguisticamente enraizado dentro do falante da Língua Portuguesa.

Segundo Cegalla (2008), “*Dígrafos* é o grupo de duas letras representando um só fonema.” (grifo do autor, 2008, p. 30). Ora, se na definição dos dígrafos já existe uma certa dificuldade

de compreensão, pois segundo a gramática, se exige o uso de duas consoantes que forma um único fonema, não seria anormal que o falante da Língua Portuguesa apenas por conhecimentos básicos, que provavelmente não teve nenhum contato com gramáticas, também se confunda na utilização do “lh”.

A Língua Portuguesa engloba um todo, cada um em seu momento, as regras gramaticais são tão importantes, quanto à língua falada pelos grupos de indivíduos que fazem uso da Língua Portuguesa, de acordo com seus conhecimentos básicos e que tem como primícias a comunicação.

Segundo Bagno:

Língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para o sociolinguísta é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos – sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc. – já se convenceram que não dá para estudar a sociedade em levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem. (2007, p. 38).

Não se pode pensar em Língua, sem que se pense nos falantes dela, indivíduos que fazem a língua variar a cada momento de interação. Cada grupo possui seus meios de linguagem que difere uns dos outros. As regiões em que alguns indivíduos vivem e adquiriram o português brasileiro chegam a ser identificadas apenas pela pronúncia do falante. Assim como é identificado cada escolha de linguagem ou o grau de escolaridade de cada um, como é percebível no poema “Uma Paixão Pra Santinha”:

Xanduca de Mané Gago
Tinha querença mais eu
Me vestia de abraço
Bucanhava os beijo meu
Era aquele tirinete
Parecia dois colchete
Eu in nela e ela in nêu.

No apolegar das tetas
Nos chamego penerado
Nas misturação das perna
Nos cafuné do molengado
Nos beijo mastigadinho
Nos açoite de carinho
Nós era bem escolado.
Era aquele tudo um pouco
Era aquela amoridade
Mas faltava na verdade

Sensação de friviôco
Um querer, uma pujança
Daquela que dá sustança
Na homencia do cabôco.

No dia que`u vi Santinha
Sobrinha do sacristão
O bangalô do meu peito
Se enfeitou feito um pavão
Foi quando esqueci Xanduca
Sem mágoa sem discussão
Pois vimos que nós só tinha
Uma paixãozinha mixa
Uma jogada de ficha
Uma piola de paixão.

Santinha é a individua
Que misturou meu pensar
Que me deixou friviando
Sem nem sequer me olhar

Matutinha aprincesada
Mulher de voz aflautada
Olhosa de se olhar
Fulô de beleza fina
É a tipa da menina
Que se deseja encontrar.
Mas Santinha é quase santa
Nem percebe o meu amor
Não tem na boca um pecado
Tem o beicinho encarnado
Pintado a lápis de cor
Só tem olhos pra bondade
Mas não faz a caridade
De enxergar um pecador.

Ah! se eu fosse um monsenhor
Um padre, um frei, um vigário
Eu achucalhava os sino
De riba do campanário
Eu abria o novenário
Eu enfeitava um andor
Botava ela impezinha
Feito uma santa rainha
Padroeira dos amor.

Arranjava um pedestal
Um altar um relicário
Chamava todas carola
Chamava todo igrejárío
E dizia em toda altura

Com voz de missionário:
Oh! minha santa Santinha!
Tire este manto celeste
Saia deste relicário
Olhe pra mim e garanta
Que vai deixar de ser santa
Que`u deixo de ser vigário!
(QUIRINO, 2001, p. 36)

O poema “Uma Paixão Pra Santinha” como ver-se já no título é um caso romântico, que define o que é paixão e amor. O eu lírico fala de uma paixão com Xanduca que possui todos os efeitos que uma paixão pode causar como se fossem fogos que só brilha naqueles minutos que foram explodidos. A paixão é fugaz e sem marcas, até parece amor, porém amor, como diz Camões² “é um fogo que arde sem se ver”, e foi o que o eu lírico disse: “Santinha é a indivíduo Que misturou meu pensar Que me deixou friviando Sem nem sequer me olhar” (QUIRINO, 2001, p. 36), não foi necessário que Santinha olhasse para eu lírico, para que ele notasse que tudo que viveu com Xanduca fosse mero entusiasmo causado pela paixão.

Como foi dito anteriormente, muitas vezes é possível identificar o local onde o indivíduo falante adquiriu sua identidade linguística. No caso do poema uma “Uma Paixão Pra Santinha” que foi escrito usando o método de transcrição da fala para escrita não é diferente, segundo Marcuchi (2001, p.49) “Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionizados.”.

A linguagem escrita do eu lírico no poema “Uma Paixão Pra Santinha” chama a oralidade para quem o ler e assim é possível notar que se trata da variação caracterizada como variação diatópica explicada anteriormente, bem como outros tipos de variações, o que será demonstrado a seguir.

O eu lírico aparenta pouco ou possivelmente nenhum conhecimento escolar, fazendo assim parte dos fatores extralinguísticos, que segundo Bagno tem haver com o “**GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO**: o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura [...]” (grifo do autor, 2007, p. 43). Apesar de alguns indivíduos não terem a chance de apresentarem uma formação escolar que lhe é devida, possuem em suas mentes a capacidade de desenvolver seus próprios pensamentos e ideias com o que já foi adquirido naturalmente.

² Luís Vaz de Camões, poeta lírico nacional de Portugal, autor da obra “Os Lusíadas”.

Bagno (2003) fala sobre a língua quanto identidade de cada indivíduo, [...] a língua é parte constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano – em boa medida, *nós somos a língua que falamos* [...] (grifo do autor, p.16-17), ora, se o falante da língua materna consegue transmitir a sua ideia de forma compreensível, não seria, por exemplo, “erros de concordância verbal”, ou até mesmo os neologismos que vão ocasionar uma confusão de interpretações sobre o que se ouviu ou leu, como se ver nesse trecho do poema:

No dia que`u vi Santinha
Sobrinha do sacristão
O bangalô do meu peito
Se enfeitou feito um pavão
Foi quando esqueci Xanduca
Sem mágoa sem discussão
Pois vimos que nós só tinha
Uma paixãozinha mixa
Uma jogada de ficha
Uma piola de paixão.
(QUIRINO, 2001, p. 36)

No quarto parágrafo do poema demonstra-se tipos de variações em relação a mudanças fonético-fonológicas que segundo Faraco “Nos estudos linguísticos, tanto a fonética quanto a fonologia se ocupam com a realidade sonora das línguas [...]” (2005, p. 36), ou seja a fonética e a fonologia fala da Língua como fato, ou seja falada e não idealizada como nas gramáticas ou nas escritas bem elaboradas, como se vê já no primeiro verso “No dia “**que’u**” vi Santinha” uma abreviação dos pronomes **Que** e **Eu**, isso ocorre devido a ocorrência da subtração de uma vogal durante a fala, sonoramente a letra “E” do pronome “Eu” é quase que imperceptível assim como a expressão “D’ água”, entre outros casos.

Tais casos podem ser classificados por designações particulares de variação linguística como o idioleto que “designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc.” (BAGNO, 2007, p.48)

Ao ouvir um indivíduo pronunciar a junção dos pronomes “Que’u”, surgirá logo uns (pré) conceitos sobre o que pode ter causado esse “erro”, e o mais provável é imaginar que o indivíduo falante é um analfabeto, entretanto, pode se observar fenômenos desse nível em indivíduos graduados academicamente, que opta por fazer uso da língua da maneira que o convinha.

No quarto verso o eu lírico diz “Se enfeitou feito um pavão”, ou seja, enfeitou-se de forma exibicionista, de acordo com o contexto do texto é como se o eu lírico estivesse envaidecido e feliz por conhecer o seu verdadeiro amor. Por mais compreensível que tenha sido esse quarto verso, ainda é possível, gramaticalmente, encontrar um erro de voz reflexiva no termo “**Se enfeitou**”, como na verdade a forma gramaticalmente correta a ser escrita é **enfeitou-se**, segundo Cegalla, “Na voz reflexiva o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente [...]” (grifo do autor, 2008, p.221).

O sujeito pode ser ativo ou em contraposição passivo, tanto recebe como pratica a ação, logo “se enfeitou” mesmo completando seu sentido, não condiz com as regras gramáticas o que nos remete a um pensamento de Bagno (2003) sobre as regras gramaticais:

Essa concepção tradicional opera como uma sucessão de redução: primeiro, reduz “língua” a “norma (cult)”); em seguida, reduz esta “norma culta” a “gramática” – mais precisamente uma gramática de frases isolada, que despreza o texto em sua totalidade, as articulações-relações de cada frase com as demais, e o contexto extralinguístico em que o texto (falado ou escrito) ocorre -, gramática entendida como uma série de regras de funcionamento mecânico que devem ser seguidas à risca para dar resultado perfeito e admissível. (p. 20)

São anos de pensamentos retrógrados em relação à língua que acabam por resumi-la as regras gramaticais, passando pelo equívoco de ser estudada por frases isoladas. A falta de uso dos textos para os estudos da língua é por si só, um erro capaz de encarcerar a mente e realmente limita o indivíduo a uma base de estudo singular. Por exemplo no trecho:

“Matutinha aprincesada
Mulher de voz aflautada
Olhosa de se olhar
Fulô de beleza fina
É a tipa da menina
Que se deseja encontrar.”

Como disse o eu lírico a moça é uma “matutinha”segundo o dicionário Priberam³, Matuto quer dizer “Relativo a mato, que ou aquele que vive no mato, que ou aquele que vive no interior, no campo= caipira, roceiro, sertanejo, que ou aquele que revela timidez= acanhado, caipira, encabulado, tímido.”, ou seja já traçando o cenário como meio social vivido pelo eu lírico, que é claramente explícito na sua linguagem regional mais precisamente o dialeto caipira.

³ “matuto”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], (2008-2013). Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/matuto>. Acesso em:03/2016.

Segundo Basso e Ilari, “A imagem do caipira costuma ser associada ao seu modo de falar, caracterizado principalmente pelo erre retroflexo, pela queda do erre em fins de palavra (começa por começar, querê por querer) [...]” (2007, p. 163) como no exemplo da palavra **Fulô** por flor, é muito comum nota-se essas expressões no sertanejo roceiro por exemplo, até mesmos na representações das telenovelas, o que mais se destaca é o erre retroflexo para dar ênfase ao personagem típico caipira. Segundo Antunes:

[...] uma escrita uniforme, sem variações de superestrutura, de organização, de sequência de suas partes, corresponde a uma escrita sem função, artificial, mecânica, inexpressiva, descontextualizada, convertida em puro treino de e exercício escolar, que não estimula nem fascina ninguém, pois se esgota nos reduzidos limites das próprias paredes escolares. (2003, p. 50).

Demonstrar a linguagem de um personagem, buscando a personalidade empírica na pronúncia, traz para literatura uma algo a mais. Mesmo que se saiba que o que varia é a fala e não a escrita, é com bases teóricas como a de Antunes, que é possível analisar de forma defensora, poemas como o de Jessier Quirino e outros escritores, que transmitem a fala para escrita. Por conta do contexto podem ser compreendidas e assim valorizadas, de tal modo, através da representação cultural pode-se transmitir a diversos lugares a originalidade na variação linguísticas existentes em diversos falantes da Língua Portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Almejamos, com as análises e a pesquisa, aqui evidenciadas, ter cooperado para que cada indivíduo passe a ver o léxico da Língua Portuguesa de forma ampla que aquilo que se tem nos dicionários tradicionais, na gramática normativa, e em todos os meios educacionais tradicionalistas. Os profissionais da área educacional percebiam a necessidade que é estudar a Língua tanto com a gramática normativa, como com a gramática descritiva. Pois a mesma importância que há no estudo dos fatos da Língua padrão e culta, existe também, nos fenômenos ocasionados pela variação linguística no léxico do povo falante.

Deste modo, a variação linguística é um algo a mais, que podem conjecturar os estudos da Língua Portuguesa, baseadas no conceito tradicionalista, se vincula em desenvolver os estudos com base em frases aperfeiçoadas gramaticalmente, esquecendo-se dos estudos de textos que

engloba aspectos imersos em cada gênero textual. Estudar a Língua Portuguesa explorando a riqueza e a variedade linguística existente na identidade cultural de cada indivíduo.

Esperamos ter desempenhado a incumbência de demonstrar que a Língua como meio de comunicação faz parte da identidade de cada indivíduo falante, e por conta da interação existentes nos meios sociais, é notável que a Língua falada varia e pode ser compreendida de acordo com o contexto existente no momento da comunicação. Para tanto, foi possível comprovar com a obra do escritor Jessier Quirino que elabora um texto não apenas como escritor, mais como um contador de causos, de maneira minuciosa, pois ele inventa uma combinação de todas as possíveis situações, fazendo com que o leitor se sinta dentro da ocasião, através das esmiuçadoras descrições e em alto grau por fazer uso da variação linguística em cada situação que requer um diferencial.

Tudo que foi dito aspira ratificar que a Língua Portuguesa não se resume apenas a gramática normativa ou ao uso tradicional imposto como forma correta, mas corroborar para que a Língua Portuguesa, em quanto fala, varia, e, portanto pode ser transcrita para escrita, pelos métodos de transcrições da fala para escrita. Assim demonstrar a representação linguístico cultural de cada povo, em cada região do Brasil, não só na fala como na escrita, pois a variação linguística na escrita pode ser levada a diversas regiões, países, ocasionando assim a exposição da cultura de cada povo.

REFERÊNCIA

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BASSO, Renato. ILARI, Rodolfo. **Português da Gente**. São Paulo: Contexto, 2007.

BAUMAN. Zygmund. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmund Bauman**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

Dicionário Priberam. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO/>>

FARACO, Carlos Alberto. **Empréstimos e Neologismos: Uma Breve Visita Histórica**. Alfa, São Paulo, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura, ensino médio, volume único**, Curitiba: Base Editora, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARTELOTTA, Mário, M-E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala Para a Escrita: atividades de restextualização**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 55ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 10 ed. São Paulo, Cortez, 2005.

QUIRINO, Jessier. **Prosa Morena**. Recife: Bagaço, 2001.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Bauru, SP: Edusc, 2000.